

Pressão nos EUA para acordo sair

11 FEB 1968
Dinda Ext
ESTADO DE SÃO PAULO
MOISÉS RABINOVICI
Nosso Correspondente
1968

ESTADO DE SÃO PAULO

WASHINGTON — O governo norte-americano gostaria de receber o ministro Maílson da Nóbrega com o acordo de médio prazo pronto para ser assinado. "Seria uma forma de homenagear quem está levando o Brasil de volta ao sistema financeiro internacional", disse uma fonte ao Estado. Mas o próprio presidente do Banco Central, Fernando Milliet, partiu de Nova York, ontem à noite, calculando que as negociações ainda demoram, pelo menos, mais três semanas.

"O governo americano está pressionando os credores para que fique tudo pronto. Em resumo: quer o assunto resolvido. É assim que poderá retribuir ao ministro Maílson da Nóbrega sua boa vontade demonstrada nas negociações", acrescentou a mesma fonte, um banqueiro internacional em Nova York.

As negociações, cinco meses depois de iniciadas formalmente, com a apresentação do plano brasileiro aos credores, em Washington, estão ainda girando, principalmente, em torno da quantia de dinheiro novo que o Brasil quer neste pacote de médio prazo. Elas já incluíram um acerto provisório dos juros do ano passado, suspensos com a moratória, e o pagamento de US\$ 350 dos US\$ 940 a 950 milhões vencidos em janeiro.

Maílson pode contar com uma boa recepção em Washington. Esta certeza, transmitida por alguns funcionários dos departamentos do Estado e do Tesouro, pode significar que a lista de produtos selecionados para a retaliação contra a política brasileira de informática não será divulgada nos próximos dias. Maílson conseguiu por telefone, uma boa relação com o secretário do Tesouro, James Baker, que é quem está segurando as retaliações e quem pode obter dos bancos comerciais norte-americanos algumas concessões que apressem o acordo final.

Maílson também visitará o FMI, durante sua permanência em Washington, que não conta, ainda, com um programa definido. E aqui antecipa-se "uma ótima recepção". Não é só um Brasil mudado que volta, como o próprio FMI está mudado, mais flexível.

"Seria só um início de um processo de negociações", diz uma fonte, observando: "O Brasil teria condições de conseguir US\$ 5 bilhões, num progra-

ma de três anos. Mas parece que não é isto que o governo brasileiro está querendo. Ele gostaria de entrar num programa de um ano, sacando pouco mais de US\$ 1 bilhão, quantia que dá para quitar os juros vencendo em 1988".

O FMI se preocupa com a situação no Brasil porque os déficits são muito altos e as estatais aumentaram muito suas folhas de pagamento, produzindo uma taxa alta de inflação e juros tão altos que desestimulam os investimentos. E há uma certa desconfiança de que o governo brasileiro não poderá mudar esta situação, enquanto persistir a incerteza política, com a Constituinte prosseguindo os seus trabalhos.

No Banco Mundial, que o ministro Maílson também visitará, "orquestra-se uma recepção muito boa". Aqui, ele despertou algumas esperanças, "pelo que disse, por ser mais realista". Mas o mais importante, segundo uma fonte no Banco Mundial, "é que parece existir um consenso, na sociedade brasileira, sobre o que deve ser feito, e isto não ganhou, ainda, nenhuma expressão prática". O exemplo dado, como no caso do FMI, foi o do déficit público, o aumento das contratações nas estatais.

"A Nova República colocou 52 mil pessoas nas estatais, em três anos. Em seis anos de governo Figueiredo, o número foi cerca de 10% disso."

O único projeto que está para ser aprovado, no Banco Mundial, é de US\$ 109 milhões, para um programa de combate a doenças endêmicas do Nordeste, em março. "O Brasil precisa elaborar um programa de médio prazo. Só com alguns projetos setoriais sérios poderia levantar US\$ 2 bilhões", sugere a fonte.

O ministro chega domingo a Nova York, viajando na segunda-feira para Washington. No seu primeiro dia de visita só tem previstos, até agora, um encontro com o embaixador Marcílio Marques Moreira, durante a tarde, e com os correspondentes brasileiros, à noite. A partir de terça-feira, ele verá o secretário do Tesouro, James Baker; o diretor do FMI, Michel Camdessus; o presidente da Federal Reserve, Alan Greenspan, e alguns senadores e deputados, participando das eleições no Banco Interamericano de Desenvolvimento. Ele deverá voltar para Nova York na sexta-feira, onde poderá encontrar-se com os principais banqueiros credores do Brasil, voltando domingo para Brasília.